

## *Ampliação da licença-maternidade ainda não foi aprovada*

 projeto de lei que amplia a licença-maternidade de 120 para 180 dias está tendo tramitação muito lenta no Congresso Nacional. Apesar de aprovado por unanimidade pelo Senado no fim do ano passado, não tem previsão para ser votado na Câmara dos Deputados.

De autoria da senadora Patrícia Saboya (PDT-CE), o projeto chegou à Câmara em novembro, mas terá que passar pelas comissões permanentes (Trabalho, Seguridade, Finanças e Tributação e Constituição e Justiça). “Esperamos que até o meio do ano o projeto tenha passado pelas quatro comissões”, avalia a senadora. Pela proposta, a empresa que aderir voluntariamente à ampliação terá direito a deduzir o valor integral da remuneração que a mãe receberá nos 60 dias de prorrogação.

### Avanço

A bancária do Unibanco e diretora do Sindica-



**ELAS - A**  
ampliação  
da licença-  
maternidade  
permitirá  
que a bancária Kátia Branco tenha  
mais tempo para a sua filha  
Klara. Mas ela acha que o  
prazo deveria ser ainda maior

to Kátia Branco deu à luz, no último dia 23, à filha Klara. Ela classifica a ampliação da licença como um avanço importante, apesar de entender que o prazo deveria ser maior. “Há países em que a licença assegurada é de seis meses ou mais, permitindo a amamentação com tranquilidade por um período maior, o que é recomendado pelos médicos. É difícil imaginar como uma mulher, depois de 120 dias, possa continuar amamentando e, ao mesmo tempo, ter de trabalhar no Centro do Rio e residindo em Niterói, como é o meu caso”, argumentou.

Kátia lamentou que o Unibanco tenha deixado claro, em negociação, que não vai aderir à ampliação. “Isto, mesmo podendo deduzir o custo do IR. Temos que pressionar para reverter esta visão”, afirmou. Ela lembra que o projeto também prevê o aumento da licença-paternidade, de cinco para 15 dias. “Nós, mulheres, defendemos o compartilhamento das tarefas”, disse, acrescentando que seu marido, Kurt, faz a sua parte em casa.

### SOCIEDADE MACHISTA

#### *A discriminação no mercado de trabalho*

Elas sofrem com a jornada dupla e a cultura machista ainda predomina no mercado de trabalho. Veja os dados do Dieese sobre o assunto.

Página 2

### PARTICIPAÇÃO

#### *Programação do Sindicato e da CUT*

Participe da marcha nesta sexta-feira, na Candelária, e confira a programação completa do Dia Internacional da Mulher.

Página 2

### A FORÇA DELAS

#### *Olga Benário e Heloneida Studart*

Nossa homenagem a duas mulheres que fizeram história.

Página 3

### ENTREVISTA

#### *Delegada encoraja mulheres a denunciar violência doméstica*

Em entrevista ao Jornal Bancário, a delegada Adriana Pereira Mendes Sálvio diz que a Lei Maria da Penha inibe agressores, mas não é garantia de redução da violência.

Página 4

## A LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO

# Mulheres ocupam mercado de trabalho, mas têm renda inferior

**É** cada vez maior o número de mulheres no mercado de trabalho, mas elas ainda sofrem discriminação de uma sociedade machista e desigual e recebem salários inferiores aos dos homens. Os dados são do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Segundo pesquisa realizada no ano passado em cinco regiões metropolitanas (São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife) e no Distrito Federal, as mulheres representam, em média, cerca de 43,4% do total de assalariados do setor privado. Os números mostram um crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho na última década, embora estes percentuais tenham se estabilizado nos últimos cinco anos.

### Homens ganham mais

Apesar da presença feminina ser cada vez mais comum em empresas dos mais diversos setores, as mulheres ainda sofrem com a dupla jornada e a discriminação. Elas ainda recebem salários inferiores em relação a homens que ocupam funções similares e tenham o mesmo nível de escolaridade. O rendimento mensal médio dos homens assalariados nas regiões pesquisadas é de R\$1.251, enquanto o das mulheres é de R\$1.037. Isto significa que elas têm uma renda mensal que é 17,1% inferior à dos homens. Se forem levados em conta todos os trabalhadores ocupados (com carteira assinada ou não), a situação tornar-se ainda mais grave. Neste caso, a renda média dos homens chega a R\$1.291 contra R\$869 das mulheres, ou seja, uma diferença de 32,7%. Esta diferença já foi maior: em 2003 chegava a 34,9%, mas a disparidade ainda é escandalosa e a discriminação por sexo é evidente.

### Vítimas do desemprego

Embora o desemprego tenha dimi-

nuído no governo Lula, as mulheres continuam sendo as maiores vítimas das demissões.

Em 2006, a taxa de desemprego das mulheres chegava a 18,6%, enquanto a dos homens era de 13,4% (diferença de 5,2%). Houve avanços em relação a 2003: a diferença na época era de 5,9% (homens 17,2% e mulheres 23,1%).

### Valorização machista

Apesar de ter havido uma expansão em seu nível de escolaridade, as mulheres não são valorizadas. Elas ainda estão presentes em atividades econômicas menos organizadas, geralmente no setor terciário e muitas na informalidade.

Estão, em sua maioria, em atividades do setor de serviços, nas ocupações consideradas “femininas”, que, muitas vezes, exigem pouca qualificação profissional. Elas ocupam postos de trabalho, principalmente no serviço doméstico remunerado, primeira ocupação das mulheres brasileiras. Entre elas, as mulheres negras são cerca de 56% das domésticas e recebem rendimentos mais baixos.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), dentre as mulheres pesquisadas no mundo, de 15 a 30% já foram assediadas sexualmente e uma a cada doze teve que abandonar o trabalho.

É cada vez maior o número de famílias chefiadas por mulheres, mas a maioria ainda está em atividades precarizadas.

Apesar das históricas e recentes conquistas sociais e trabalhistas e da mobilização e organização das mulheres, ainda persistem as discriminações e a violência no trabalho, além das discriminações vivenciadas pelas mulheres no próprio cotidiano de suas vidas e, em muitos casos, até em seus lares.



## Sindicato e CUT farão atividades na Semana da Mulher

Este ano o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, cairá num sábado. Por este motivo, no Rio de Janeiro, a já tradicional

Marcha Mundial de Mulheres será na sexta-feira, 7. A concentração está marcada para as 15 horas, na Candelária.

Mais de 60 entidades estão na organização do evento, entre elas a CUT do

Rio de Janeiro e seus sindicatos, entre eles, o Sindicato dos Bancários.

Em todo o país, a CUT e sindicatos vão realizar debates e protestos. O objetivo de todos eles é

lembrar as lutas e conquistas de direitos e protestar contra a discriminação e outras formas de violência contra a mulher.

**Aconteceu** – Seminário da CUT/RJ “Mulher Trabalhadora, Mulher de Opinião”, na quarta-feira (5), com palestras e debates sobre assédio moral, sexual e outros tipos de violência contra a mulher; licença-maternidade, pela igualdade salarial e creche.

**Quinta-feira (6/3)** – O Sindicato promove o debate “Roda de Saia, a Mulher no Mundo do Trabalho”, às 18h, no auditório (Av. Pres. Vargas, 502, 21º andar).

**Sexta-feira (7/3)** – Marcha Mundial de Mulheres. Caminhada da Candelária à Cinelândia, concentração às 15 horas. À tarde, Sindicato entrega flores às mulheres, nas agências.

**Sábado (8/3)** – Nova entrega de flores na sede campestre do Sindicato, em Jacarepaguá, a partir das 10 horas.

Participe de nossa programação

## BANCÁRIO

**Presidente:** Vinícius de Assumpção – **Sede** – Av. Pres. Vargas, 502 /16º, 20º, 21º e 22º andares - CEP 20071-000 – Tel: 2103-4117 (PABX) – Fax (Redação): (021) 2103-4112 – **Sede Campestre** - R. Mirataia, 121 - Tel: 2445-4434 – **Secretaria de Imprensa** – Vera Luiza Xavier (Banerj/Itaú), coordenador responsável

**Coletivo de Imprensa:** Geraldo Ferraz (Bradesco), Marcelo Ribeiro (Unibanco), Ronald Carolhosa (Banerj/Itaú) - **Editor:** Carlos Vasconcellos - MTb 21335/RJ - **Redatores:** José Eurides de Queiroz - Mtb 11.7325 SP, Olyntho Contente - Mtb 14173/RJ - **Revisor:** João Luiz Pacheco - **Diagramadores:** Marco Scalzo, Verônica Motta e Fernando Xavier - **Impresso na Cutgraf** (Rua São Luis Gonzaga, 731 - São Cristóvão - Telefax: 2580-2071/3878-1582) - **Distribuição Gratuita - Tiragem: 21.000**

## O século das mulheres

Durante muitos anos, as mulheres sofreram toda a espécie de discriminação de uma sociedade patriarcal, machista e injusta. Desde a formação da civilização brasileira, elas enfrentam o desafio de ocupar espaços na família, nas esferas política, social, econômica e cultural e nas conquistas de seus direitos plenos.

Entramos no século XXI com muitos avanços, mas a discriminação ainda persiste e precisa ser eliminada. Cada dia elas ocupam mais o mercado de trabalho e tudo indica que, em breve, serão maioria nas empresas. Entretanto, dados do Dieese comprovam que o mercado ainda é extremamente machista. Além de sofrer com a jornada dupla, elas recebem salários inferiores, mesmo quando ocupam funções similares às dos homens.

### As bancárias

No setor bancário, elas já são a maioria da categoria, mas a discriminação é explícita. Mesmo com idêntico nível de escolaridade e formação profissional, elas são minoria nos cargos de chefia e gerenciais. As negras sofrem uma dupla discriminação. Nos bancos o racismo é uma estúpida realidade que também precisamos combater e superar.

É preciso avançar nas conquistas por uma sociedade justa e de oportunidades iguais para todos. Neste mo-

mento, travamos todos a luta pela aprovação de um projeto fundamental: o da ampliação da licença-maternidade de 120 para 180 dias.

Contamos com a participação de todas as bancárias e bancários junto ao Sindicato para pressionarmos deputados federais e senadores pela aprovação deste projeto. O ideal é um período ainda maior para a amamentação completa e a necessária presença das mães juntos aos recém-nascidos. Mas a aprovação da nova lei já é um avanço importante.

Neste Dia Internacional da Mulher, queremos prestar nossa sincera homenagem a todas as bancárias e a todas as mulheres. E contamos sempre com todas as companheiras nas lutas em defesa da categoria e por uma sociedade mais justa.

Elas têm um papel fundamental na construção de um Brasil melhor. E não tenho dúvidas: este século é o século das mulheres, pois, mais do que nunca, elas passam a ocupar o espaço que sempre mereceram e caminham para realizar sonhos que foram adiados em função do preconceito e da discriminação de uma sociedade machista e injusta. Creio, sinceramente, que estes males serão aliados de nossa realidade social.

Parabéns, companheiras bancárias.

**Vinicius de Assumpção**  
Presidente do Seeb Rio



## Olga: símbolo de coragem e convicção política

No dia 12 de fevereiro deste ano, uma mulher, símbolo de coragem, firmeza e convicção política, estaria completando 100 anos. De família judia, Olga Benário Prestes, cujo nome verdadeiro era Maria Bergner, nasceu em 1908, em Munique, na Alemanha.

Apesar de seu papel importante na história política do Brasil, Olga foi ignorada durante muito tempo no país, ao contrário do que acontecia na Alemanha, onde é até nome de rua.

### Revolucionária

Olga era uma revolucionária. Acreditava na luta por um mundo sem desigualdades, onde não houvesse explorados nem exploradores, onde mulheres e homens tivessem os mesmos direitos. Aos 15 anos, já fazia parte da Juventude Comunista Alemã.

Olga seguia os passos de outras revolucionárias judias, como Rosa Luxemburgo e Ema Goldman. Sua grande paixão foi o brasileiro Luiz Carlos Prestes. O líder comunista brasileiro foi escoltado por ela, em 1935, de Moscou ao Brasil, e,



A atriz Camila Morgado interpreta Olga Benário no filme que foi baseado no livro do jornalista Fernando Morais

por motivos de segurança, se passou por seu marido.

### Morte na Alemanha

O teatro acabou virando realidade e os dois viveram uma grande paixão. Frustrado o levante, foram presos. Olga, que se encontrava grávida, foi extraditada em 1936, durante o governo Getúlio Vargas, para a Alemanha nazista. Em 27 de novembro do mesmo ano nasce sua filha e de Prestes, Anita Leocádia. Na Alemanha, Olga foi levada para a prisão de mulheres da Gestapo e, em 1938, para campos de concentração. Em 1942, ela e outras 200 prisioneiras foram mortas na câmara de gás.

## Uma vida em defesa dos direitos da mulher

Heloneida Studart, indicada no livro Mulheres brasileiras entre as 100 mais importantes do século XX, foi uma das primeiras a defender os direitos da mulher no país. Faleceu em dezembro do ano passado.

Jornalista, ela deixou como legado livros e textos sobre a condição feminina. Uma de suas obras mais destacadas sobre o assunto, Mulher objeto de cama e mesa, editada pela Vozes, vendeu 280 mil exemplares e está na 27ª edição. O livro é considerado uma bíblia do feminismo brasileiro. Outro livro, Mulher,

a quem pertence seu corpo?, está na 6ª edição.

Eleita deputada estadual por várias legislaturas, a partir de 1978, Heloneida integrou as comissões especiais relativas aos direitos da mulher (direitos reprodutivos) e defendeu melhores condições de atendimento à população nessa área. Fundou, com outras companheiras, o Centro da Mulher Brasileira, primeira entidade feminista do país, e o Centro Estadual dos Direitos da Mulher (Cedim), ambos no Rio.

“Heloneida Studart foi uma combativa e



SAUDADE – As diretoras do Sindicato Nilza Távares (E) e Vera Luiza, ao lado de Heloneida Studart, num encontro nacional de funcionários do Banerj

constante companheira na luta em defesa das bancárias e bancários, tendo apoiado todas as lutas da categoria, ao lado do Sindicato”, afirma emocionada a diretora do Sindicato Vera Luiza.

# Lei Maria da Penha reduz registros na Delegacia de Mulheres

*Titular da Delegacia de Mulheres explica que mudança não significa diminuição da violência doméstica*

FOTO: NANDO NEVES/D ESCRITÓRIO DA IMAGEM



A delegada Adriana Pereira Mendes Sálvio (foto), titular da Delegacia de Atenção à Mulher (DEAM) do Centro da Cidade, concedeu entrevista ao Jornal Bancário. Nela, fala sobre o impacto da Lei Maria da Penha sobre a violência doméstica. A lei, mais severa que a anterior, possibilita a prisão do agressor.

**Jornal Bancário – Qual o impacto da Lei Maria da Penha nos registros de casos de violência?**

Adriana – Com a Lei Maria da Penha, notamos uma pequena redução do número de registros. Mas ainda não é possível afirmar que diminuiu a violência doméstica contra a mulher.

Apesar de haver mais de um ano da lei, ainda é cedo para tirarmos uma conclusão definitiva. Podemos apontar algumas possibilidades. Uma delas é que, como a lei possibilita a prisão do agressor, e considerando que ele é, muitas vezes, o próprio marido, a pessoa com quem ela tem uma relação afetiva, filhos, isto pode inibir a mulher de fazer o registro, porque, apesar dela não querer que aquela situação continue, ao mesmo tempo pode não querer que o sujeito vá preso. Outra possibilidade é que, por ser uma lei mais dura, está inibindo o homem de cometer violência, sendo uma forma de prevenção.

**Bancário – Qual a orientação dada a mulheres vítimas de violência que chegam à DEAM?**

Adriana – Nós sempre encorajamos a mulher a fazer o registro, porque é uma forma de inibir o agressor. O que a gente observa é que, se ela não fizer nada, a situação sempre tende a piorar. É um equívoco acreditar no contrário. Hoje são cenas de ciúme, um pequeno insulto, e se nada é feito, passa a um empurrão, amanhã, um tapa no rosto, um soco, depois lesões mais graves. Por isso, encorajamos todas a fazer o registro.

**Bancário – A mulher sofre outros tipos de violência, como a discriminação no trabalho, por exemplo. Você já sofreu algum tipo de discriminação?**

Adriana – Se houve foi tão velada, que eu não percebi. Sou delegada há 10 anos, se os agentes têm algum tipo de resistência, acabam não demonstrando, até porque há uma autoridade sobre eles. E entre outros delegados nunca tive uma situação onde verificasse qualquer tipo de discriminação.

**Bancário – O que você aconselha à mulher que sofre violência doméstica?**

Adriana – Aconselho que venha nos procurar, porque verificamos que a violência sempre aumenta. Há também núcleos de assistência contra a violência doméstica. Muitas vezes a mulher quer que aquela violência cesse, mas não que o sujeito seja preso. Neste caso, há instituições que dão assistência psicológica a ela, ou aconselhamento a ele; assistência jurídica, em caso de separação, ou para obrigá-lo a sair de casa. Mas, para nós, o importante é denunciar. Esperar, por si só, que aquilo cesse, não vai acontecer. A tendência é aumentar.

## Centros de Atendimento e Orientação

- CIAM (Centro do Rio) ..... 2299-2122
- SOS Mulher (H. Pedro II) ..... 3395-0123
- Ceom (São Gonçalo) ..... 2628-8228
- CD Vida (Av. Pres. Kennedy) ..... 3774-3933
- Ser Mulher (N. Friburgo)..... (22) 2523-5282
- Niam Niterói ..... 2620-4514
- Defensoria Pública (Núcleos de Prim. Atendimento) ... 2299-2299
- Núc. de Def. dos Dir. da Mulher.. 2299-2272



## Delegacias de Atendimento à Mulher (DEAM)

- Centro ..... 3399-3370  
3399-3373  
3399-3375
- Caxias ..... 3399-3710  
3399-3708
- Niterói ..... 3399-3700  
3399-3701
- Jacarepaguá ..... 3399-7580  
3399-7583
- Disque-mulher ..... 2299-2121
- Disque-denúncia ..... 2253-1177